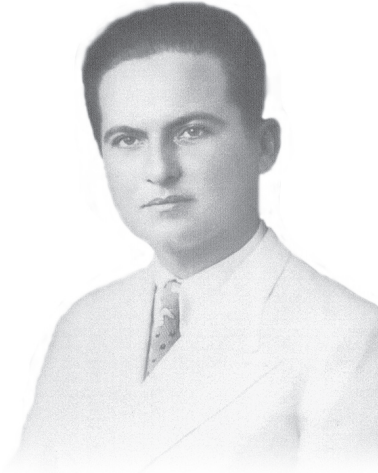


NOTAS
E
TRANSCRIÇÕES

**Centenário de nascimento de
Franklin Gondim Chaves**
(10.02.1908 – 10.02.2008)



EUNIDES MARIA MAIA CHAVES*

1 O cidadão

Franklin Gondim Chaves nasceu a 10 de fevereiro de 1908, no Sítio Bomfuturo, no bairro Damas, em Fortaleza; há uma centúria, portanto. Quinto e último filho do casal Sindulfo Serafim Freire Chaves e da professora Dulcinéa Gondim Chaves, chamavam-se os seus irmãos: José, Dulce, Noême e Judite.

Fez o curso primário no 4º. Grupo Escolar de Fortaleza, situado na Rua Sena Madureira, que tinha como Diretora sua mãe e cursou o primeiro semestre da 1ª. série do antigo Ginásial no Colégio Cearense; sendo este o curto período de estudos regulares que pôde cumprir.

* Socióloga, servidora aposentada da União e filha de Franklin Gondim Chaves.

Filho de pais detentores de poucos recursos, o menino Franklin e a família viviam com grandes dificuldades financeiras. Os vencimentos de sua mãe atrasavam até oito meses e o Sítio Bomfuturo, herdado dos avós maternos (Franklin Barboza Gondim e Maria Grangeiro Gondim), não proporcionava qualquer renda além do leite de algumas vacas. As secas de 1915 e 1919 dizimaram em parte a pecuária cearense e a hipoteca do sítio foi o recurso usado para salvar o restante. Os juros da hipoteca pesaram no bolso da família que teve de apertar o cinto. Certos serviços agropastoris passaram a ser feitos por seu pai, seu irmão José – o primogênito – e por ele.

Tempos difíceis aqueles, época de verdadeira provação. Para poupar o Franklin – o caçula – do esforço de ir a pé, do sítio ao Benfica, a fim de apanhar o bonde e estar no Grupo Escolar às 8 horas da manhã, às vezes com chuva, sua mãe conseguiu alugar uma casa na Rua Governador Sampaio, esquina com a Rua Pedro Borges, trazendo às margens do Pajeú algumas vacas para, com a venda do leite das mesmas, ajudar na manutenção da família. Aos 9 (nove) anos de idade, Franklin já era responsável por esse pequeno rebanho e fazia, pessoalmente, a venda do leite, em copos (duzentos réis por unidade), mungido pelo ajudante-curraleiro à porta dos fregueses. Às 5 horas da manhã, todos os dias, ele montava a cavalo e saía tangendo cinco vacas e bezerros com mochilas, perfazendo o seguinte itinerário: Governador Sampaio, Praça da Sé, Conde d’Eu, Sena Madureira, Duque de Caxias, Senador Pompeu, João Moreira, retornando ao ponto de partida na Governador Sampaio com a Pedro Borges. Naquela quadra temporal, ao bordejar por tantas vezes a Praça General Tibúrcio (dos Leões), o pequeno tangerino jamais poderia imaginar viesse a ocupar, por sete mandatos consecutivos, uma cadeira no Palácio Senador Alencar (antiga Assembléia Legislativa, atualmente abrigando o Museu do Ceará) e, ainda que por curto período, a titularidade do Executivo Estadual, ali no vetusto Palácio da Luz (hoje sede da Academia Cearense de Letras).

Limoeiro (assim denominado até 1943), terra de seu pai, receberia em 1922 seu irmão José Gondim Chaves. Lá, com os recursos de um empréstimo, associou-se com um primo e montaram uma bodega. No ano seguinte, a convite de outro parente afim, Camilo Cunha, passou a integrar a firma Cunha & Chaves. Os negócios progrediram e houve necessidade de empregados. Seu irmão José insistia para que Franklin

fosse juntar-se a ele. A princípio recusou. Depois, tendo se atrasado no pagamento das mensalidades do Colégio Cearense – estabelecimento de ensino fundado em 1912 pelos padres seculares Misael Gomes da Silva, José Quinderé e Climério Chaves, este último um seu tio paterno; passando o Instituto, três anos depois, à propriedade e orientação da Ordem dos Maristas – teve que se render à realidade dos fatos. Em consequência das reiteradas cobranças do Diretor e da ameaça de não permitir exame aos alunos em atraso, Franklin pediu ao mano que lhe fizesse um empréstimo de duzentos mil réis para solver a sua dívida. Poderia deste modo, fazer os exames em junho, com a promessa de, em seguida, abandonar a sua instrução formal e ir para Limoeiro trabalhar com ele no comércio. E assim aconteceu.

No dia 21 de junho de 1923 – usando a farda do Cearense e ainda com grande dissabor por tê-lo deixado; após percurso a trem até Quixadá e a cavalo, via Morada Nova – chegou a Limoeiro às 8 horas da noite. Hospedou-se na casa do tio afim Francisco Celestino da Costa e, já no dia seguinte, um sábado, dia de feira, assumiu, aos 15 (quinze) anos de idade, as funções de balconista da loja. No fim de julho, lhe foi marcado o ordenado de cinquenta mil réis. Revelando-se bom vendedor, no ano seguinte, teve o ordenado elevado para cento e cinquenta mil réis.

Naquela época, o comércio em Limoeiro abria suas portas às 5h30 da manhã e só as cerrava às 20 horas, inclusive domingos e feriados.

Em 1925, o chefe Camilo, por motivo de saúde, propôs retirar-se da firma, passando o ativo e o passivo ao sócio José Gondim Chaves.

José e Franklin assumiram a responsabilidade do negócio que passou à razão social de J. Chaves & Irmão, sendo a participação dos sócios na proporção de 70% e 30%, respectivamente. Os negócios prosperaram e, em 1926, abriram uma filial em Tabuleiro, então distrito de Limoeiro. Esta loja ia muito bem, porém, em 1929, teve de ser fechada em virtude do saque feito por Lampião através de Massilon Leite, “tenente” do bando do facinora, àquela Vila.

Anteriormente, em 15 de junho de 1927, Franklin presenciou um fato que o deixaria muito impressionado: a chegada de Lampião a Limoeiro. O bando que tinha, entre outros, o já citado Massilon Leite, o maioral Virgulino Ferreira da Silva (o Rei do Cangaço) e 42 bandidos, trazia dois reféns: o Sr. Antônio Gurgel e D. Maria do Amaral. O grupo

provinha do Rio Grande do Norte, da cidade de Mossoró, onde promoveu uma série de ataques e saques; tendo encontrado, no entanto, brava resistência da população local e a perda de dois jagunços: Jararaca e Colchete. O anúncio da chegada de Lampião e seus homens promoveu agitação entre os limoeirenses, face à fama que o antecedia. Por precaução, centenas de pessoas foram retiradas para as fazendas e sítios mais próximos, pois a cidade praticamente indefesa contava, no seu destacamento, com apenas dois soldados para guardá-la. Foram momentos de pânico.

O que muitos não sabiam era que Lampião, ao chegar próximo a Limoeiro, perguntara a um agricultor, residente em uma fazenda próxima:

– Isto aqui é Ceará ou Rio Grande do Norte? Ao que o matuto respondeu:

– É Ceará. E ouviu, surpreso, a confissão do temível cangaceiro:

– Pois aqui não atacaremos... Ante o espanto deste, completou:

– É que prometi isso ao meu *Padim* Padre *Ciço*.

Porém, não foi tão fácil para os limoeirenses livrarem-se de Lampião. Para deixar a cidade, exigiu 20 contos de réis. Travou-se intensa movimentação em busca do numerário exigido. E por mais que se esforçassem, os homens da terra só conseguiram juntar dois contos e duzentos. Quando fizeram a entrega a Lampião, viram que ele trazia uma bolsa cheia de dinheiro. Sem conferir, colocou a importância dentro da mesma e por isso nada lhe foi dito sobre o valor arrecadado. Durante estas horas de tensão, Franklin via a desolação e o pavor estampados na face daquela gente que já elegera como sua.

2 Atividades políticas, comerciais, industriais, agropecuárias e outras

Em 1930, com a Revolução, seu mano José ingressou na política. A direção dos negócios, até então sob a responsabilidade dos dois, passou às mãos de Franklin, já com 50% de participação societária.

José e Franklin sempre tiveram idéias inovadoras. O José, que era mais velho, participava ativamente das conversações com relação à Revolução de 1930, através de Franklin Monteiro Gondim, Juracy Montenegro Magalhães e Landri Sales.

Atentos ao novo, acompanharam, no jornal católico *O Nordeste*, a publicação de uma série de artigos assinados por Plínio Salgado, onde o brilhante articulista enaltecia o ideário Integralista.

Franklin entusiasmou-se com aquela doutrina, por aqueles princípios e resolveu fundar um grupo integralista em Limoeiro, sem qualquer ligação com o de Fortaleza. Uma espécie de escola de civismo era o Integralismo em Limoeiro, visando à formação político-social dos seus integrantes.

Somente tempos depois, o grupo *camisa-verde* limoeirense filiou-se ao da Capital, em cuja chefia encontravam-se Jeová Mota e o Padre Hélder Câmara. Franklin participou dessa organização política até 1937, quando Getúlio Vargas fechou o Movimento Integralista Brasileiro.

Vale salientar que a Ação Integralista instalou naquela Cidade a primeira Escola de Alfabetização de Adultos.

Em 1932, veio a Grande Seca e com ela os efeitos negativos que incidiram sobre o comércio em geral. A firma *J. Chaves & Irmão* resolveu então deslocar-se até a *rodagem* para fornecer gêneros aos operários no trecho em construção da BR-13, hoje BR-116, no sopé da Serra do Pereiro.

Ao iniciar-se o inverno de 1933, todavia, os demais fornecedores abandonaram as frentes de serviços e só os irmãos Chaves permaneceram, tendo que suportar a árdua tarefa e a responsabilidade de abastecer dos mais diversos víveres, através de 9 (nove) armazéns, a aproximadamente 11.000 homens.

Como parte integrante da sociedade limoeirense, Franklin participou de todos os movimentos sociais, políticos e religiosos da época:

- instrumentista (1º. clarinete) da Banda do Município, sob a regência do maestro Odílio Silva;
- confrade vicentino, Presidente da Conferência e, por fim, Presidente do Conselho Diocesano da Sociedade de São Vicente de Paulo;
- do Círculo Operário Católico;
- do Conselho Florestal Municipal de Limoeiro;
- do Conselho Estadual de Geografia, tendo elaborado o primeiro mapa geográfico do Município;
- da Comissão Central Pró-Bispado de Limoeiro;
- da Associação Cultural de Limoeiro.

Foi o fundador:

- da Associação dos Amigos de Limoeiro, entidade comercial, da qual foi Presidente;
- do Núcleo da Ação Integralista Brasileira, da qual era o Chefe;
- da Sociedade Pró-Educação Rural de Limoeiro, entidade que construiu o prédio da Escola Normal Rural, tendo por vários anos ajudado na sua manutenção;
- da Sociedade Mantenedora da Santa Casa de Limoeiro do Norte;
- da Cooperativa de Crédito Agrícola de Limoeiro do Norte.

Vereador à Câmara Municipal de Limoeiro de 17/06/1936 a 10/11/1937, da qual foi Presidente e, interinamente, Prefeito Municipal, quando ocorreu o Golpe de Estado; foi de sua iniciativa o projeto do primeiro Código de Posturas do Município.

Em 1938, a empresa J. Chaves & Irmão, já detentora de sólida credibilidade na praça de Limoeiro em virtude de sua tradicional organização comercial denominada Casa Chaves (tecidos, miudezas, ferragens, calçados), resolveu ampliar as suas atividades abrindo uma indústria de beneficiamento de algodão e passando também a comerciar com cera de carnaúba. Tal expansão contou com o apoio financeiro do Sr. Felipe de Santiago e Lima – homem de cabedal, ex-prefeito do Município e que tornar-se-ia sogro do conhecido jornalista, advogado e senador capixaba João Calmon.

No mesmo ano, através da firma Chaves & Santiago, os intimoratos irmãos Chaves montaram, também em Limoeiro, a primeira indústria de extração do óleo da oiticica do interior do Estado, a Fábrica Jaguaribana. Quando esta fábrica encontrava-se em sua plena capacidade de produção, sofreu um incêndio de grandes proporções e, como a mesma não estava segurada, o prejuízo foi imenso.

Em seguida, houve a recessão do comércio do óleo de oiticica e maiores ainda foram as dificuldades. Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, entretanto, surgiu novo interesse pela oiticica e a firma recuperou-se financeiramente para, não muito tempo depois, a fábrica ter de encerrar a sua produção em decorrência do torpedeamento de navios nas costas do Brasil, fato que inviabilizou a exportação do óleo da conhecida e nativa *rosácea*.

Em 1942, devido a uma greve de fornecedores na construção da estrada que liga Tianguá no Ceará a Piripiri no Piauí e, em face do convite do Diretor do DNOCS, engenheiro Pereira de Miranda, a firma

passou a fornecer alimentos aos operários no Planalto da Ibiapaba. Em seguida, venceu a concorrência para revestir o trecho da estrada já construído.

O totalitarismo nazi-fascista em 1942 dominava o cenário mundial. O clima era de expectativa e pavor entre as nações. O espetáculo sangrento, sem símile na história, dividia o mundo: de um lado os defensores da Democracia e do outro os do Totalitarismo.

A firma J. Chaves & Irmão, ao mesmo tempo em que revestia trechos de uma estrada na Serra da Ibiapaba, dedicava-se também à agropecuária, instalando no município de Pacajus, na Fazenda Campestre, com recursos próprios, o maior projeto, naquela época, para a cultura racional da carnaúba, desenvolvendo também a criação de gado bovino.

Foi uma atividade pioneira, quando não havia qualquer incentivo por parte do governo e a opinião pública não estava preparada para o desenvolvimento. A área desmatada para o plantio das carnaubeiras era mais ou menos de 800 hectares e, pela sua grandiosidade para aquele tempo, despertou extraordinário interesse e curiosidade.

Os adversários políticos não tardaram em vislumbrar, naquela plantação, um campo que iria servir de pouso para aviões alemães, os temidos *junkers* da Luftwaffe. Levantaram também a suspeita de que um campo de tais proporções deveria ter sido custeado com dinheiro estrangeiro. E não demorou que esses boatos, das conversas dos cafés e de grupos da Praça do Ferreira, passassem às páginas dos jornais. A fim de evitar maiores constrangimentos, os irmãos Chaves mandaram colocar estacas espalhadas por toda a área cultivada. O passado *integralista* e a participação de ambos na LEC (Liga Eleitoral Católica) podem ter alimentado os maldosos rumores. Finalmente, tudo passou, e as carnaubeiras ainda vicejam, altivas, em terras da Fazenda Campestre, agora sob o domínio de seus herdeiros.

Franklin, atendendo a um apelo do seu pai, em 1946, concordou que o Diretório Municipal do Partido Social Democrático (PSD) de Limoeiro do Norte indicasse ao Presidente do partido no Ceará, Dr. Francisco de Menezes Pimentel, a inclusão do seu nome como candidato a deputado estadual.

Eleito Deputado à Assembléia Constituinte do Ceará, recebeu o diploma e assinou o termo de posse em 25/01/1947. Como Constituinte, fez incorporar à Constituição Estadual várias emendas de sua autoria.

Posteriormente, foi reeleito Deputado Estadual para mais 6 (seis) legislaturas consecutivas: 1951, 1955, 1959, 1963, 1967 e 1971, sempre com votação expressiva, pleito a pleito.

Por oportuno, vale ressaltar que Franklin Chaves não foi o único membro de sua família a tomar assento no Parlamento Estadual pois, antes dele, foram deputados o seu avô-paterno Cel. Serafim Tolentino Freire Chaves (casado com sua avó D. Maria Joana Freire Chaves) e o seu tio Dr. Leonel Serafim Freire Chaves.

Dentre os inúmeros parentes, amigos, correligionários e líderes políticos da região jaguaribana que sempre o apoiaram, reconhecia e proclamava o deputado Franklin Chaves, a imprescindível e valiosa ajuda que sempre lhe prestou sua irmã Judite Chaves Saraiva, que exercia grande liderança política, especialmente em Limoeiro do Norte, contribuindo com a sua dedicada assistência ao eleitorado, juntamente com o seu marido Custódio Saraiva de Menezes, para as decisivas votações obtidas por ele nas eleições para a Assembléia Legislativa Estadual. Sobre D. Judite, expressão ímpar de matriarca, educadora e líder política, é indispensável a leitura de *Judite – Centenário de Nascimento (1906 – 2006)*, miscelânea organizada pelas professoras Maria das Dores Vidal Freitas e Maria Lenira de Oliveira, publicada em Fortaleza, pela Premius Editora, em 2006, com 220 p., ilustrada.

A sua atuação na Assembléia foi pautada pela competência, probidade, coerência e assiduidade. Atuante, combativo e determinado, enfrentou adversários políticos, em alguns deles reconhecendo o talento e a coragem; não consta tenha feito inimigos ou desafetos.

Formado pela escola do trabalho e, mercê da sua larga proficiência político-administrativa, muitos o tratavam por Doutor. Autodidata, muito leu e se aprofundou nos assuntos de sua inclinação.

Sobre a conduta política de Franklin Chaves, assim declarou em carta-testemunho o Dr. Edival de Melo Távora: “Guardo as melhores recordações de Franklin Chaves. Colega como Deputado Estadual, em três legislaturas, o parlamentar, constituinte de 1947, exerceu suas atividades com tirocínio, eficiência e amor à causa pública. Sem possuir curso superior, revelava nos discursos inteligência, bom senso e valor nas frases corretas e acertadas sobre o assunto tratado. Causava prazer aos ouvintes qualquer pronunciamento do líder jaguaribano e parece que alguns Deputados, formados em

direito ou medicina, reconheciam não possuir condições intelectuais iguais ao Orador. [...] Exerceu os cargos de Presidente da Assembléia Legislativa e de Governador do Ceará com a maior dignidade, sem orgulho e sem vaidade. O trabalho era a meta delineada no seu dia-a-dia.”

Vivendo desde os primeiros anos em meio a dificuldades e penetrando a fundo nos problemas e dramas do sertão, sempre levando à tribuna do Legislativo o debate de temas econômicos, principalmente aqueles ligados à agricultura e à pecuária de seu Estado.

Participou de todas as Comissões Permanentes da Assembléia, sendo, nas sete legislaturas a que se elegeu, membro da Comissão de Finanças e Orçamento e, por várias vezes, seu relator.

Foi designado para compor um sem – número de Comissões Temporárias e Especiais, convindo destacar a que representou a Assembléia do Ceará na grande Comissão das Assembléias do Nordeste a qual, na Seca de 1958, defendeu os interesses dos pecuaristas.

O deputado Franklin Chaves foi eleito Presidente dessa importante Comissão que conseguiu, junto aos altos poderes da República, a aprovação de legislação federal grandemente favorável aos produtores rurais.

Como membro da Comissão de Negócios Municipais e Divisão Territorial, foi escolhido para Presidente da Comissão Especial que elaborou o projeto da divisão territorial do Estado e a criação de novos municípios, em 1951.

Chefiou várias delegações da Assembléia no Estado e fora dele (Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas, Pará e Maranhão). Ressalte-se que o deputado Franklin Chaves, fazendo-se acompanhar de sua esposa D. Consuêlo, foi o representante oficial do Parlamento Estadual nas festividades comemorativas da inauguração de Brasília, em abril de 1960.

Fato que merece realce na atividade parlamentar do deputado Franklin Chaves foi a sua eleição pela Assembléia para integrar, como seu representante, o Conselho de Economia do Estado, do qual foi seu Presidente. Nesta qualidade representou por várias vezes o governador Virgílio Távora junto à SUDENE. No período de sua presidência, o Conselho, entre tantas atividades importantes, procedeu ao estudo sobre a carnaúba, de grande repercussão para a economia do Estado.

Promoveu (juntamente com outros parlamentares) e presidiu, sob a chancela da Comissão de Valorização do Vale do Jaguaribe, a reali-

zação de dois importantes seminários, quais sejam: o *Seminário de Orós* e o do *Banabuiú*, em agosto e setembro de 1959, respectivamente. Os resultados de tais encontros foram encaminhados à Presidência da República através do Ministério da Aviação e Obras Públicas.

Surpreende, pela sua enorme atualidade, o temário (eletrificação, irrigação, educação, saúde, pecuária, riquezas minerais e crédito) debatido no Conselho de Economia do Estado do Ceará, naquele período.

Sendo escolhido Presidente do Grupo Especial da Carnaúba, constituído pelo Governo do Estado, teve a oportunidade de prestar – a convite da Câmara Federal – longo, minudente e elogiado depoimento na CPI “destinada a apurar as causas da deterioração dos preços da cera de carnaúba nos mercados exteriores e outras irregularidades”. Tal sessão, realizada em 14/04/1970, teve como Presidente o deputado Milton Brandão e como Relator o deputado Ernesto Gurgel Valente.

Não pode ser olvidado o seu decisivo apoio, na segunda metade da década de 1950, à emancipação política dos atuais municípios de Alto Santo, São João do Jaguaribe e Tabuleiro do Norte.

Além de suas atividades parlamentares, o deputado Franklin Chaves foi membro do Conselho Deliberativo da Superintendência do Desenvolvimento Econômico e Cultural do Ceará (SUDEC) e do Conselho Diretor da Companhia de Desenvolvimento do Ceará (CODEC).

Fundou, juntamente com correligionários *pessedistas*, e superintendeu a *Rádio Dragão do Mar* de Fortaleza, criada através da sociedade comercial *Rádio e Jornais do Ceará S.A.* A nova emissora revolucionou a Radiofonia Cearense, não só pela potência e modernidade de seus equipamentos, como também pelo talento e entusiasmo de sua jovem equipe de radialistas e técnicos. Entrando no ar pela vez primeira em 25 de março de 1958, promoveu memoráveis mobilizações pelo engrandecimento do Ceará. Decisiva a colaboração da *Dragão do Mar* para a eleição do governador Parsifal Barroso (1959 – 1963). No segundo semestre de 1961, o deputado Franklin Chaves passou o comando da Emissora ao empresário Moysés Santiago Pimentel.

Com a Revolução de 1964, foram extintos os partidos políticos conforme decreto do presidente Humberto de Alencar Castello Branco.

Quando da edição do Ato Institucional n.º 2, em 27 de outubro de 1965, implantou-se no Brasil o *bipartidarismo*, surgindo o partido da

Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), tendo o deputado Franklin Chaves optado por seu ingresso no primeiro.

Foi eleito, logo em seguida, primeiro Secretário-Geral da ARENA, cuja Diretoria Regional estava incumbida da implantação de um partido com novo perfil: arejado, renovado, com nítidos princípios ideológicos e sintonizado com o momento nacional.

Exerceu ação político-partidária das mais destacadas, a qual, seguramente, o guindou à posição de destaque que ocupou nos quadros políticos do Ceará.

Como membro do Rotary Club de Fortaleza, na classificação de *Agricultura de Carnaúba – Plantio*, atuou com destaque em vários cometimentos sociais.

O deputado Franklin Chaves, depois de 19 anos de trabalhos consecutivos, foi eleito Presidente da Assembléia Legislativa do Ceará para o período de 13/03/1966 a 13/03/1967.

Os membros que compunham a nova Mesa Diretora foram escolhidos pela ARENA, depois de examinada a conduta parlamentar de cada um. Às neo-organizações partidárias cabia a grande responsabilidade pela construção de nova mentalidade política que iria orientar a vida pública brasileira.

Na qualidade de Presidente da Assembléia Legislativa, o deputado Franklin Chaves assumiu o governo do Estado no período de 12/08/1966 a 12/09/1966, em razão da renúncia do Governador Virgílio Távora e do vice-governador Figueiredo Correia que desejavam concorrer à eleição de outros cargos eletivos.

O governador Franklin Chaves afirmou em determinado trecho do seu discurso de posse: “A transitoriedade de minha passagem pelo governo não me estimula nem autoriza veleidades de pretender, a curto prazo, resolver grandes problemas. Mas não me invalida o propósito de ser um traço-de-união entre o governo anterior [Virgílio Távora] e o futuro [Plácido Aderaldo Castelo], como fator de aproximação e identificação de dois estilos administrativos. Pretendo, assim, que o meu governo, como um veículo das legítimas aspirações populares – pois não abduco das minhas prerrogativas de representante do povo – exercite a função de rampa de lançamento do Ceará para os novos vôos em direção ao progresso e ao bem-estar social”.

O novo Governador manteve alguns Secretários do governo anterior e nomeou outros auxiliares do mais alto gabarito para compor a sua equipe administrativa, a saber: Moacir Aguiar – Secretaria de Administração; José Lins de Albuquerque – Planejamento; Assis Bezerra – Fazenda; Almir Pinto – Saúde; Raimundo Girão – Educação; Magdaleno Girão Barroso – Trabalho e Promoção Social; Mário Ramos – Polícia e Segurança Pública; Manuel Negreiros Bessa – Agricultura, Indústria e Comércio; Stênio Dantas – Interior e Justiça; José Dulcídio Lucena – Casa Civil; Romeu Praciano de Sousa – Casa Militar; Nertan Macêdo – Serviço de Imprensa e Relações Públicas; Manuel Ferreira Filho – Departamento do Serviço Público; Amaury de Castro e Silva – SEAGEC; Gouveia Neto – DAER; Antônio Ferreira Antero – Viação, Obras, Minas e Energia; José Chaves da Cunha – Diretoria do Tesouro Estadual; Ethevaldo Guimarães – Companhia de Desenvolvimento do Ceará; Weimar da Silva Thé – Procuradoria Geral do Estado; Archias Pereira – Ajudante-de-Ordens.

Eis os principais atos e fatos que caracterizaram seu período governamental:

- priorizou investimentos nas áreas da segurança pública, na construção de escolas de ensino fundamental, eletrificação, telefonia e construção de estradas vicinais, notadamente nas regiões do Baixo e Médio Jaguaribe;
- compareceu à posse do Comandante do IV Exército General Rafael de Sousa Aguiar, em Recife;
- determinou a ampliação da torre de retransmissão da TV Ceará-Canal 2, localizada no Pico Alto, na Serra de Baturité; emissora pertencente ao grupo de comunicação de Assis Chateaubriand e a única do Estado, ao seu tempo, para que as suas transmissões chegassem a todas as cidades do Vale Jaguaribano;
- presidiu – escolhido por seus pares e no então Território de Fernando de Noronha – a reunião do Conselho Deliberativo da SUDENE, conseguindo daquela Superintendência a liberação de significativos incentivos ao seu Estado;
- compareceu, a convite do Governador de São Paulo Laudo Natel, à reunião especial da agroindústria algodoeira daquele Estado, participando, no mesmo período e também na Paulicéia, do Simpósio do Nordeste, evento patrocinado pelo jornal *Folha de S. Paulo* com o

apoio do Ministério dos Organismos Regionais; nesta ocasião concedeu entrevistas aos maiores diários locais, com significativa repercussão, defendendo o Movimento Revolucionário de 64;

- viajou a Salvador para a instalação do Seminário sobre Bancos de Fomento Regionais, dentro do Plano de Integração Nacional;

- implantou em vários municípios cearenses, através da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, as chamadas Residências Agrícolas, que funcionavam como núcleos de orientação técnica e creditícia aos produtores agropecuários;

- destinou recursos à Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza e ao Hospital Psiquiátrico São Vicente de Paula (Asilo de Parangaba);

- extinguiu, de uma só penada, 1.490 cargos vagos da folha de pagamento denominada Tabela de Extranumerários do Executivo;

- nomeou, a partir de lista tríplice, o desembargador Antônio Banhos Neto para o Tribunal de Justiça do Estado do Ceará;

- determinou, sob protestos, que os Promotores de Justiça à disposição de outros órgãos do Estado retomassem suas funções judicantes nas respectivas comarcas;

- mandou abrir inquéritos administrativos, assim como exigiu a conclusão de outros que dormitavam nas gavetas da burocracia e dos interesses escusos.

O governador Franklin Chaves teve destacada atuação e realmente seu governo deu muito assunto aos jornais. Aliás, um matutino da Capital abriu matéria com a seguinte manchete: “Governo de Franklin: 30 dias que abalaram o Ceará”.

Testemunha direta do breve e operoso período governamental de Franklin Chaves, assim escreveu o historiador Raimundo Girão, em sua acatada *Pequena História do Ceará* (4. ed, 1984, p. 211): “Entre os períodos Virgílio Távora e [Plácido] Aderaldo Castelo e por imperativo legal, esteve no Governo do Estado, de 12 de agosto a 12 de setembro, o deputado Franklin Gondim Chaves, Presidente da Assembléia Legislativa, o qual não se limitou à posição de simples ocupante transitório de um cargo, antes muitas atividades desenvolveu para que o seu substituto encontrasse o mais bem arrumada possível a máquina da administração estadual”.

Na área da educação, a atuação de Franklin Chaves sempre foi marcante. Por ocasião das comemorações, em Limoeiro do Norte, do

Jubileu de Prata do Episcopado de Dom Aureliano Matos, o Senhor Bispo solicitou ao Governador Virgílio Távora a criação da Faculdade de Filosofia para aquela cidade.

Quando a Mensagem foi enviada à Assembléia Legislativa, coube ao deputado Franklin Chaves envidar todo empenho junto aos seus pares, para a sua aprovação. A Faculdade de Filosofia de Limoeiro do Norte, a pioneira da região, foi criada pela Lei n°. 8.557, de 16/08/1966.

É imperioso dever de justiça assinalar-se, neste momento, a figura do cônego Misael Alves de Sousa, admirável educador e grande entusiasta e batalhador incansável em prol da criação da Faculdade. Não por acaso e com grande visão administrativo-pedagógica, comandou o preclaro Religioso a primeira diretoria da mesma.

O governador Plácido Castelo, cultuando a memória de Dom Aureliano Matos, quis render-lhe uma homenagem e deu a essa Faculdade a denominação de Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos.

Pelo Parecer n°. 425 do Conselho Estadual de Educação, foi autorizado seu funcionamento a partir de agosto de 1968, com os cursos de Pedagogia, Letras, Geografia e História. Atualmente a FAFIDAM, incorporada à Universidade Estadual do Ceará, oferece ainda graduação em Ciências Biológicas, Física, Matemática e Química.

Tornou-se uma realidade esplendorosa a aspiração que tinham os limoeirenses de ver sua juventude plena de entusiasmo e ideal, subindo intelectualmente, crescendo socialmente, fazendo jus cada vez mais à sua condição de cidade-líder da região, tão bem cognominada de *Princesa do Jaguaribe*.

Em virtude de sua profícua atuação parlamentar, eis as comendas recebidas pelo deputado Franklin Chaves:

- Medalha Comemorativa do Centenário de Clóvis Beviláqua, conferida pelo Ministro da Educação e Cultura Clóvis Salgado, em 04/10/1959;
- Medalha do Mérito Parlamentar, em comemoração aos 25 (vinte e cinco) anos de mandato parlamentar ininterrupto, concedida pela Assembléia Legislativa do Ceará, em 16/09/1972;
- Medalha Comemorativa do VI Congresso Brasileiro de Assembleias Legislativas, conferida pela União Parlamentar Interestadual em 24/09/1972 e o Diploma de Grande Mérito Parlamentar, na mesma data;

- Medalha da Abolição outorgada pelo Governador César Cals, conforme Decreto n.º. 9.849, de 14/06/1972, por serviços de notória relevância prestados ao Estado, entregue em 26/09/1972;

- Medalha Dom Aureliano Matos, concedida pela Câmara Municipal de Limoeiro do Norte, em 30/08/1986;

- Comenda Maia Alarcon, concedida pela Câmara Municipal de Tabuleiro do Norte, em 08/06/1988.

As Câmaras de cinco municípios cearenses concederam ao deputado Franklin Chaves o título de cidadania:

- Cidadão de Iracema, em 28/09/1968;
- Cidadão de Limoeiro do Norte, em 18/04/1972;
- Cidadão de Tabuleiro do Norte, em 23/03/1974;
- Cidadão de Pacajus, em 22/05/1982;
- Cidadão de Chorozinho, em 07/09/1989.

Convidado pelo governador César Cals para compor o Conselho de Contas dos Municípios, o deputado Franklin Chaves renunciou ao mandato de parlamentar em 17/11/1972 e afastou-se das lides partidárias, uma vez que o Conselho é um órgão de julgamento das contas dos Prefeitos.

Permaneceu no Conselho quase dois anos, durante os quais pôde contribuir para a reforma interna do Órgão e realizou várias viagens pelo interior do Estado inspecionando Prefeituras e fazendo auditorias.

Por fim, aposentou-se no cargo de Conselheiro, em 03/09/1974, recolhendo-se à vida privada.

Homem de bonita compleição física, voz e gestual serenos, a todos agradava pela postura firme, mas educada e lhana. Apesar das funções de destaque que desempenhou, em momento algum se deixou contaminar pela jactância e a presunção. Ao retirar-se da vida pública dedicou-se a convivência familiar e a de alguns amigos leais, a administrar – já agora em território do Município de Chorozinho – a sua Fazenda Campestre (produtora de farinha de mandioca, cera de carnaúba, castanha de caju, leite e derivados) e a estudar o Vernáculo. Católico praticante desde sempre, muito se aprofundou nos assuntos ligados à doutrina da Igreja de Roma. Movido por sua fé – grandemente fortalecida pelos estudos bíblicos – empreendeu, já septuagenário, duas romarias à Basílica de São Francisco, em Canindé, e uma terceira ao Santuário do Menino Jesus de Praga, em Chorozinho. Nas três peregrinações, conhe-

cidas como Romarias Dom Joaquim, Franklin contou com a companhia e apoio de seu neto, Marcílio Estácio Chaves.

Mesmo nos seus últimos três anos de vida, já combalido do insidioso mal que o levaria definitivamente, Franklin Chaves – sempre afável, prestimoso e dotado de boa memória – jamais dificultou receber em sua residência, responder ao telefone ou por via epistolar, àqueles que o procuravam para entrevistas ou pesquisas sobre a História Político-Econômica do Ceará, notadamente os temas ligados à Zona Jaguaribana e a evolução histórico-administrativa de Limoeiro do Norte.

“Um jaguaribano de Parangaba”, assim o definiu o jornalista e escritor Dário Macêdo, na longa e minuciosa reportagem-entrevista publicada em *Tribuna do Ceará*, edições de 15 de janeiro, 5 e 12 de fevereiro de 1972; tamanha a identificação do nome de Franklin Gondim Chaves com a Região cortada pelo rio tão belamente decantado por Demócrito Rocha.

3 A família

No dia 3 de janeiro de 1928, às 17 horas, na própria residência do casal, na cidade de Limoeiro - Ceará, tendo como celebrante o vigário da Paróquia Pe. Vital Gurgel Guedes, uniram-se em matrimônio Franklin Gondim Chaves (19 anos) e a jovem moradanovense Maria Consuêlo Nogueira Maia (17 anos), nascida em 3 de abril de 1910, filha do farmacêutico-prático Sr. José Monteiro Maia e de D. Maria Nogueira Maia.

Foi o encontro de duas pessoas que se amavam e que se encontraram para a grande aventura da vida, vida a dois que se tornou uma só.

Não foi um ponto de chegada, mas um encontro para uma partida, uma caminhada para o mistério profundo do amor que uniu para multiplicar e que se multiplicou para unir.

No dia 03/01/1953, às 20 horas, foram comemoradas as *Bodas de Prata* de Consuêlo e Franklin com uma recepção na residência do casal na Avenida Dom Manuel, 392, em Fortaleza, que contou com a presença de políticos, amigos, parentes e familiares.

Em comemoração às *Bodas de Ouro* de Consuêlo e Franklin, a 03/01/1978, foi celebrada uma missa no Santuário Nossa Senhora do Líbano, à qual compareceram políticos, amigos, parentes e familiares

que juntos foram agradecer a Deus as graças recebidas pelo casal nos 50 anos de união matrimonial. No salão paroquial, após a cerimônia religiosa, a família, com muita emoção e alegria, recepcionou os convidados que expressavam o calor da amizade, enaltecendo tão significativo evento.

No dia 03/01/1988, em clima de festa, os familiares e amigos novamente se reuniram, desta vez na Paróquia Nossa Senhora da Paz para a Celebração Eucarística das *Bodas de Diamante* (60 anos) de Consuêlo e Franklin. Os convidados foram recepcionados no salão paroquial. Durante a festa, era grande a alegria de todos em volta do casal que se emocionou com tanta demonstração de carinho e amizade.

Em 1992, pela última vez, foram comemorados os 64 anos de casamento de Consuêlo e Franklin com uma festa na residência do casal, situada na Avenida Antônio Sales, 1340. Quanto tempo decorrido! Nesta longa caminhada, com a graça de Deus, todos os obstáculos foram superados, e juntos souberam eles construir a própria felicidade.

São seus descendentes os *Maia Chaves*:

- FILHOS

José Péricles (médico cirurgião e professor da Universidade Federal do Ceará), *José Eurípedes* (médico veterinário e servidor estadual aposentado), *Stênio Franklin* (securitário aposentado), *Eunides Maria* (socióloga e servidora aposentada da União), *Perípedes Franklin* (advogado, professor e ex-reitor da Universidade Estadual do Ceará), *Luiz Lineudy* (servidor estadual aposentado), *Cauby* (cirurgião dentista e radialista) e *Guaracy* (médico oftalmologista).

- NETOS

Sílvia Cristina (servidora pública estadual), Leila (comerciante), Péricles Jr. (advogado e servidor da Justiça do Trabalho), Liana (geóloga e servidora da Prefeitura Municipal de Fortaleza), José Eurípedes Jr. (médico pediatra, advogado e escritor), Franklin Neto (comerciante), Cláudio (agropecuário), Marcelo (cirurgião dentista e servidor do Tribunal de Justiça do Ceará), Cláudia Maria (administradora de empresas), Louiseane (administradora financeira), Franklin José (geólogo, engenheiro civil e professor da Universidade de Fortaleza), Edilson Jr. (bacharel em Direito e servidor público estadual), Maurício (bacharel em Direito e servidor público estadual), Marcílio (advogado e servidor público estadual), Eunides Maria (administradora de em-

presas, assistente social e servidora da União), José Péricles (advogado), Cauby Jr. (cirurgião dentista e professor da Universidade Federal do Ceará), Ana Virgínia (turismóloga), Rodrigo (engenheiro civil), Alexandre (cirurgião dentista), Victor Luiz (estudante), Leda Maria (cirurgiã dentista), Adriano (médico oftalmologista) e Milene (licenciada em Letras e psicóloga).

- BISNETOS

Felipe, Juliana, Renan, Ana Luize, Celiza, Cecília, Júlio, Arthur Franklin, Karina, Rafaela Maria, Renata Maria, Rafael, Edilson, Larissa, Júlia, Rachel, Thiago, José Péricles, Luiz Emanuel, Igor, Ingrid, Louise e Guilherme.

- TRINETOS

David, João Victor e Guilherme.

No dia 5 de dezembro de 1992, em Fortaleza e aos 84 anos, faleceu Franklin Gondim Chaves: “Combati o bom combate, encerrei a minha carreira, guardei a fê. De resto me está reservada a coroa da justiça” (2 Tm 4, 7-8). Menos de um ano depois, em 28 de outubro de 1993, D. Maria Consuelo Maia Chaves foi juntar-se ao esposo na *Eterna Morada*: “É feliz quem ao céu já foi chamado: sua vida está nas mãos do Pai”.

No ano de 1997, em 30 de agosto, por ocasião das comemorações oficiais do Centenário da Cidade de Limoeiro do Norte, Franklin Gondim Chaves recebeu, *in memoriam*, a Comenda do Centenário, distinguido como uma das cem personalidades que mais contribuíram, em todos os tempos, para a construção e o engrandecimento da História do Município.

Posteriormente, em 23/05/2003, a Prefeitura de Pacajus, por iniciativa do então Secretário de Saúde, Dr. Marcelo Girão Chaves, em justa homenagem a quem tanto fez por aquela Comuna, denominou a Ala A (setor administrativo e auditório) do Hospital Municipal José Maria Philomeno Gomes de "Ala Deputado Franklin Gondim Chaves".

Ex-vi da Lei n.º 8.837, de 12 de maio de 2004, publicada no *Diário Oficial do Município* do dia seguinte, sancionada pelo então Prefeito de Fortaleza, Dr. Juraci Vieira de Magalhães, deu-se a uma das artérias da Capital a denominação de *Rua Deputado Franklin Chaves*.